

Ser judeu.

Ser livre é assumir as condicoes que determinam a existencia, afim de poder ultrapassa-las. Quem procurar negar tais condicoes, nao se emancipara delas, mas permitira a elas que o determinem sem serem concientizadas. Quem assumir tais condicoes sem o intuito de supera-las, ("ufano-me de ser brasileiro, porque se nao me ufanasse, tambem o seria"), permitira a elas que o determinem concientemente. Ser livre e pois tarefa dificiel, e permanentemente ameaçada de fracasso, porque implica o esforço dialectico de simultaneamente afirmar e negar as condicoes sob as quais a existencia se encontra no mundo. No entanto, é ela a tarefa que confere a dignidade ontologica "homem" a existencia humana.

As condicoes que determinam a existencia sao funcoes de multiplos niveis do real no qual estou mergulhado. Por exemplo: sou corpo pesado, mamifero, burgues, judeu. A aviacao emancipou-nos da condicao "corpo pesado", por te-la assumido e depois superado. Tentativas anteriores a aviacao fracassaram, porque negavam a condicao "corpo pesado". E os que se assumiam corpos pesados e tratavam das tentativas para voar com ridiculo e desprezo, eram obstaculos no caminho da humanidade rumo a liberdade.

Os quatro exemplos das condicoes, citados acima, provem dos niveis fisico, biologico, socio-economico e socio-cultural da realidade. Aparentemente, quanto mais proxima do nivel fisico determinada condicao, tanto mais dificil supera-la. Parece mais facil querer superar sua condicao de burgues que a de mamifero, ja que a condicao "burgues" e historica, (determinada por regras humanas), e a condicao "mamifero" e natural, (determinada pelas leis da natureza, tidas por trans-humanas). De maneira ^{que} quem salientar as condicoes naturais, o faz para negar a possibilidade da libertacao, (exemplo: nazismo), e quem salientar as condicoes historicas, o faz para afirmar tal possibilidade, (exemplo: marxismo). Mas o exemplo da aviacao ilustra que o problema da liberdade, (sua celebre dialectica), e mais complexo. As regras humanas do jogo social podem ser mais constrangedoras que as leis da natureza.

A condicao "ser judeu" ilustra, de maneira extraordinariamente instrutiva, tal complexidade. Para assumi-la e depois supera-la, basta aparentemente que declare, (de preferencia publicamente): "Constato que fui lancado na condicao judia sem ter sido previamente consultado, e constato que ~~me~~ disponho de livre arbitrio que me permite, em parte, a servir-me de tal condicao para propositos de minha escolha. Declaro pois que utilizarei minha condicao judia em proveito de metas que me proponho livremente." A mera leitura de tal declaracao revelara, no entanto, que se trata de propositao absurda. (Como o sao, por razoes comparaveis, todas as declaracoes de direitos humanos, caras ao seculo 18). As razoes do absurdo de tal declaracao sao multiplas, mas basta considerar duas entre elas, para mostrar que nao sera assim que poderei superar minha condicao de judeu.

(1) A declaracao esconde circularidade viciosa. Para poder constatar que disponho de livre arbitrio, e preciso que seja judeu, (ou participante de ideologia proveniente do judaismo). Xavante nao poderia fazer declaracao comparavel quanto a sua condicao de xavante. De maneira que a declaracao nao articula posicao que

supera a condicao judia, mas articula contradicao interna, tipica da condicao judia. Nao e por meras declaracoes de intencao que condicoes podem ser superadas.

(2) A declaracao trata da condicao judia como se fosse problema a ser resolvido racionalmente. (Dai serem tais declaracoes caras ao racionalismo setecentista.) Mas isto nao e o caso. A condicao judia implica dimensoes emocionais, eticas, esteticas, (e talvez ate geneticas), que extravasam a racionalidade. Trata-se de condicao existencial que implica o homem todo. Pois isto poderia ser afirmado com respeito a toda condicao historica, seja a de burgues, de brasileiro ou de homem do seculo 20. No entanto, no caso da condicao judia, ha agravante. A declaracao acima imaginada seria feita quarenta anos após a "solucao final", evento sem paralelo na historia da humanidade, e cujo impacto ainda esta longe de ter sido plenamente avaliado. De maneira que a declaracao, com sua frieza racional, e emocionalmente, eticamente e esteticamente chocante, e revelara, sob analise, antissemitismo nao superado por parte do declarante. Nao e por declaracoes "razoaveis" que condicoes podem ser superadas.

Isto mostra que "assumir-se judeu, afim de superar tal condicao" nao significa que apenas constate que sou judeu. Implica que eu viva tal condicao com tudo que nela ha de terrivel e de apaixonante, e com tudo que ha de meramente cotidiano, e que admita que todas as minhas experiencias, desejos, valores, conhecimentos e gestos estao informados por tal condicao, seja interior-, seja exteriormente. E que, com tudo isto, conserve distancia suficiente para poder supera-lo. Pois formulada assim, a tarefa de eu emancipar-me parece sobre-humana, e especialmente tratando se da condicao judia.

A dificuldade especial no caso da judeidade e esta: ao contrario da condicao burguesa, brasileira, (ou ate catolica ou protestante), a condicao judia, para ser plenamente assumida, exige que a vida toda, ate em seus minimos detalhes, se submeta a determinadas regras. A judeidade somente pode ser sorvida integralmente no interior da "ortodoxia". No entanto, viver ortodoxamente e impossivel para quem visar libertar-se da sua condicao judia, porque este tipo de vida corta os liames mais significativos que me prendem aos demais modelos de conhecimento, de valor e de experiencia que me condicionam. Viver ortodoxamente significa pois negar numerosas das demais condicoes que me determinam. De maneira que, si me assumo plenamente judeu, ipso facto me fecho para toda abertura que possa transcender o judaismo. E, de fato, e sob esta formulacao que o problema da condicao judia e colocado pelos ortodoxos: ou bem assumo-me judeu, e neste caso nao ha sequer sentido eu querer emancipar-me, ou bem nego o judaismo, o "traio".

Tal formulacao radical do problema tem a vantagem de ilustrar a dificuldade de toda tentativa de eu emancipar-me. Mas tem tambem a vantagem adicional de ilustrar a urgencia da tentativa de eu emancipar-me de um tal constrangimento imperialista e exclusivista. Sao as vantagens de todo argumento do tipo "ou tudo, ou nada". Já que a formulacao radical me torna conciente da dificuldade de eu emancipar-me, e da necessidade de ensaiar-lo malgrado isto, vejo-me obrigado a reformular o problema, e isto nao apenas intelectualmente, mas existencialmente.

Nao posso assumir-me inteiramente judeu, e tal impossibilidade minha e tanto

uma das minhas condicoes quanto o e minha propria judeidade. Sou demasiadamente "grego", e "latino", e "germanico", e "cristao", para poder ser inteiramente judeu. Ao tentar assumir minha judeidade, devo portanto igualmente assumir minha limitacao quanto a ela. E e precisamente esta judeidade limitada que sou chamado a superar se quero viver livremente e dignamente. Se formulado assim, o problema revela a questao da fidelidade, implicita na formulacao radical, sob luz nova. Minha condicao historica me obriga a "trair", ora os meus modelos gregos em prol dos judeus, ora os meus modelos judeus em prol dos gregos. Ser obrigado a "trair" os modelos que me condicionam e uma das condicoes sob as quais me encontro no mundo.

Pois se sorvo tal condenacao minha a ser "traidor", ate o fundo, se me dou conta, por exemplo, que sou incapaz de julgar e agir sem o modelo judeu da justica, (vitoria do bem sobre o mal), e sem o modelo grego da justica, (equilibrio), e que os dois se excluem mutuamente, entao comeco a compreender melhor minha meta de querer emancipar-me. O que visio, para poder viver livremente, nao e superar minha condicao de judeu apenas, mas igualmente todas as demais condicoes que competem com a judia no interior de mim mesmo. E visio tal superacao, afim de delivrar-me da contradicao de modelos que me informam. Nao e pois afim de negar minha judeidade que visio supera-la, mas afim de alcancar sintese entre a minha judeidade e as demais condicoes sob as quais estou no mundo.

Fui lancado ao mundo sob condicao de judeu que nao pode assumir-se inteiramente judeu. Se me identificasse enquanto judeu, estaria traindo multiplas condicoes da minha existencia que se opoem a judeidade. Se, pelo contrario, negasse a minha judeidade, estaria traindo um dos fundamentos do meu estar-no-mundo. Formulado assim o problema, a tentativa da minha emancipacao se apresenta enquanto tarefa de eu assumir-me plenamente. É pela "elevacao" das minhas condicoes conflitivas a um nivel de sintese que passarei a viver autenticamente. Tal sintese e, por certo, meta diferente para cada judeu individual, ja que cada um entre nos se encontra em condicoes diferentes das que condicionam os outros. De maneira que cada qual é chamado a operar a sintese a sua maneira. No entanto, ha semelhanca suficientemente grande entre os que sao judeus atualmente, para poder-se afirmar que tal sintese visada tem contornos supra-individuais: sao os contornos da universalidade no significado ocidental de tal termo.

Os antisemitas da direita costumavam de chamar os judeus de "a-patridas", e os da esquerda os chamam atualmente de "cosmopolitas". Os dois termos, intendidos como injurias, sao, no entanto, elogiosos. Os antisemitas pretendem, com tais termos, afirmar serem os judeus pessoas desenraizadas. Estao enganados. É precisamente na superacao de todo particularismo que podemos conservar a fidelidade a todas as nossas raizes. Somos, pela condicao mesma na qual nos encontramos, chamados a visar o universalismo. Somos determinados pela nossa condicao a sermos catalizadores da universalidade futura. E sera somente se assumirmos tal determinacao que seremos livres. Livres das contradicoes que nos rasgam, e para a construcao de comunidade na qual podemos unir-nos aos nao-judeus.

A analise precedente colocou entre aspas fenomenologicas o fenomeno do Estado judeu. Este e o momento para re-introduzir este fator indispensavel para a

compreensao do problema de ser judeu na atualidade. Porque e somente nesta altura do argumento que o Estado judeu pode ser captado enquanto impacto existencial sobre os judeus que vivem fora dele. O impacto e este: somos chamados a assumir responsabilidades por algo que se opoe a nossa tentativa de assumir-mos nossa universalidade. Tal chamamento que emana do Estado judeu e comparavel ao que emana da ortodoxia: "ou tudo ou nada". Com a diferenca que o apelo do Estado se dirige, nao ao nivel "religioso" da nossa consciencia, mas ao seu nivel politico e cultural, em suma: "imaneente". Ja que tal nivel esta atualmente mais "desenvolvido" em nos que o outro, estamos mais abertos para a voz que emana do Estado. Acrescesce que o Estado que destarte nos chama a aderirmos a ele esta em posicao ameaçada, e que esta sendo atacado nao apenas politico-militarmente, mas com argumentos da ideologia antisemita. De maneira que nao aderir a ele implica passividade face ao antisemitismo.

Pois se a analise precedente da condicao existencial judia estiver correta, o fator "Estado judeu" a reforca. Dada a minha condicao de "traidor", sob a qual fui lancado ao mundo, nao posso aderir ao Estado sem trair os demais modelos que me informam, e nao posso renegar o Estado sem trair um dos fundamentos do meu estar-no-mundo. Devo pois tentar a "elevar" o Estado judeu, no interior da minha consciencia, ao nivel da universalidade. Enquanto catalizador de um futuro Estado universal, primeiro no ambito da sua regio geografica, (Oriente Proximo), mais tarde no ambito mais largo. Mas quem diz "Estado universal", esta dizendo "desaparecimento do Estado enquanto divisor da humanidade". Se conseguir assumir o Estado judeu enquanto um dos fatores da minha judeidade a ser sintetizada em universalidade, a contradicao entre adesao e recusa desaparece.

Devo acentuar que a tarefa de sintese que nos e imposta pela nossa condicao existencial e tarefa a ser perseguida individualmente. Cada qual de nos e chamado a realiza-la no seu intimo, na sua privacidade. Mas isto nao torna a-politica tal tarefa. Na medida em que tal sintese se estiver cristalizando em nos, manifestara se ela por nossos atos. Agiremos em prol da sintese visada. E, dada a universalidade da meta visada, agiremos sobretudo em direcao dos que nao sao judeus. A tentativa de sintese se manifestara enquanto nao extendida rumo aos nao-judeus. Em direcao dos nossos amigos que nao sao judeus, e que podem contribuir com elementos diferentes dos nossos para a futura universalidade. Em direcao dos nossos ex-inimigos, (atualmente sobretudo arabes), e que podem construir, junto conosco, a universalidade futura. E em direcao da grande massa faminta e oprimida, para a qual o nosso problema existencial de ser judeu e inteiramente inocuo, mas sem a qual nenhuma universalidade e concebivel.

Em conclusao: ser judeu atualmente exige nao extendida rumo aos outros, afim de neles encontrar apoio, e afim de apoiar-los.